



Risco ambiental preocupa Baixada

Para especialista, capacitação dos governos locais para o gerenciamento de riscos é fundamental para evitar desastres

LÍDIA NARDI
DA REDAÇÃO

Problemas ambientais e de poluição desencadeados pela exploração da Bacia de Santos na região preocupam 70% da população da Baixada Santista, conforme revela levantamento feito pelo Instituto de Pesquisas A Tribuna (IPAT).

"Hoje existe muita preocupação por parte de ambientalistas e urbanistas com alguns aspectos ligados à exploração. As pessoas se preocupam com a obra em si e se preocupam também com o risco de acidentes, principalmente em alto-mar, depois do vazamento no Golfo do México", diz o coordenador do Centro de Experimentação em Desenvolvimento Sustentável do Litoral Norte, Icaro Cunha, numa referência à explosão ocorrida em abril que espalhou 780 milhões de litros de petróleo em águas norteamericanas. "É normal que as pessoas tenham essa preocupação. Muitas pessoas adquiriram consciência da dimensão que pode ter um acidente como esse", analisa.

Para o professor da Universidade Católica de Santos, a capacitação de equipes para o gerenciamento de riscos, por parte das prefeituras, é o caminho para evitar desastres em caso de acidentes. "A região deve se preparar para receber esse investimento e, nesse preparo, têm que pensar em capacitação de equipes nos vários níveis de governo para lidar com essas operações no mar, e capacitação das instituições, no sentido de adquirir equipamentos como embarcações e fazer treinamentos. É preciso se preparar para conviver com isso".

CORRENTE MARÍTIMA
É a possível ocorrência de acidentes em alto-mar, pelo menos por enquanto, não preocupa os especialistas. A grande distância que separa o pré-sal da costa brasileira (cerca de 300 quilômetros), somada ao fluxo dos correntes marítimas da costa", concorda Cunha.

Desempenho IPAT

EM PORCENTAGEM

Você teme problemas ambientais e de poluição com a exploração na Bacia de Santos?



Na sua opinião, as cidades da região estão se preparando e organizando para receber os impactos do crescimento trazido pela exploração e produção de petróleo e gás?



Em relação aos efeitos de exploração e produção de petróleo e gás, qual será o setor que vai exigir maior atenção das autoridades?



Veja na edição de amanhã a continuação da série
A era do pré-sal na Baixada Santista.

Valongo tende a crescer com sustentabilidade

III A integração da nova sede da Petrobras no Valongo ao projeto Alegra Centro ajudará no desenvolvimento sustentável de Santos. A opinião é do professor de Política Ambiental da Universidade Católica de Santos (UniSantos), Icaro Cunha.

"As torres a serem construídas no Valongo (para a nova sede da Petrobras) serão integradas ao projeto de revitalização do Centro. Nesse sentido, é um impacto positivo, porque essa política de revitalizar e valorizar o Centro Histórico é muito importante para um desenvolvimento sustentável na Cidade e na região", avalia o especialista.

"Há anos, a gente tem uma degradação urbana na região central em função do uso de armazéns e outras estruturas portuárias. E ao mesmo tempo você tem em Santos um centro histórico valorizado, urbanisticamente bem integrado, inclusive com infraestrutura turística, e essa é uma política muito importante do ponto de vista da sustentabilidade e da chance de abrir outros horizontes de desenvolvimento que não sejam os tradicionais", comemora Cunha.

"Quando você faz uma política de revitalização urbana, a grande dificuldade é justamente encontrar investimentos que ajudem a viabilizá-la. Mas na hora em que um grande investidor como a Petrobras entra no projeto, isso gera um impulso que deve trazer reflexos em outros setores, como lojas e restaurantes. São atividades afins que ajudam a dar uma vida compatível com o projeto de revitalização urbana", resume.

Ações

21

projetos
ligados a ações socioambientais
na Baixada Santista receberam
ajuda financeira da Petrobras no
ano passado

50

mil reais
foi o máximo recebido em cada
projeto dentro do Programa
Integração Petrobras
Comunidade

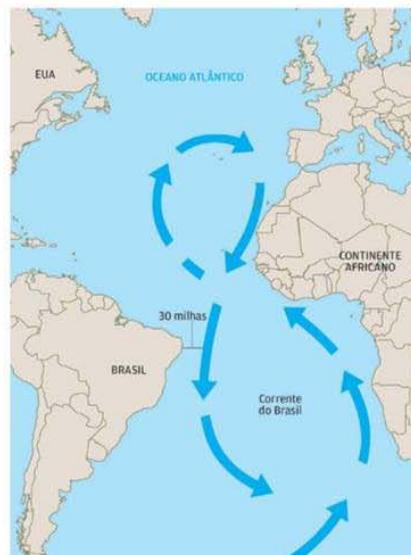
22

comunidades
pesqueiras de Ilhabela também
recebem apoio da estatal hoje

2

milhões de reais
foram investidos no convênio
firmado entre Petrobras,
UniSantos e ONGs ambientais
para a criação do Comitê de
Promoção do Diálogo para a
Sustentabilidade do Litoral Norte

Corrente marítima



Entrevista

Icaro Cunha. Sociólogo, professor de Política Ambiental da UniSantos

"Pode haver um impulso para piorar os problemas que já temos"

O meio ambiente sofrerá impactos ao longo do litoral?

Depende de como organizarem a gestão do processo. Se você faz uma gestão pouco cuidadosa das operações técnicas, as obras podem ter efeitos negativos e depois as operações podem gerar acidentes, com o vazamento de produtos. São os dois principais cenários que se pode ter: na hora da obra – que pode ser maior ou menor conforme o círculo que se toma – e depois durante operação, onde você tem a questão do gerenciamento dos riscos.

E qual o papel da empresa exploradora?

A intervenção da empresa numa região como o litoral de São Paulo, onde você tem muitas

áreas protegidas, pode ser direcionada de uma maneira que não leve em consideração áreas protegidas ou ela pode incorporá-las e harmonizá-las. A expectativa que a gente deve ter é de exatamente saber como a Petrobras vai gerenciar esse aumento da sua presença na região.

Mas o que o senhor acha?

No projeto Mexilhão (Litoral Norte), por exemplo, o gasoduto está indo por túnel para não se mexer na Mata Atlântica. Eles optaram por levar o gás por túnel, o que preserva a cobertura vegetal na região do parque. É um investimento mais caro, mas que, do ponto de vista ambiental, agrega valor ao negócio. E não deixa de ser uma sinaliza-

Cenário

"Se ocorrer um grande acidente, não será só a empresa que terá que atuar. Precisará haver uma cooperação de gente das instâncias de governo local!"

ção importante sobre o que a empresa está pensando em termos de gestão.



E os riscos em alto-mar?

O que todo mundo tem que cobrar é que os governos locais se

preparam para colaborar com esse processo de gerenciamento dos riscos ambientais. Isso porque, se ocorrer um grande acidente, não será só a empresa que terá que atuar. Precisa haver uma cooperação de gente das instâncias de governo local. E aí tem uma novidade: essas operações vão ser no mar, muito longe da costa, um território no qual os governos não estão preparados para agir. Se você procurar qual a prefeitura que tem embarcação para isso, vai ver que são poucas. Ou nenhuma.

E como funcionaria esse entrosamento?

Se você capacita equipes locais para lidar com riscos, então essas equipes vão conhecer as hipóteses de acidentes, os cená-

rios de danos que podem ocorrer e vão começar a questionar: se tivermos vítimas, estamos preparados para tratá-las? Se não há esse entrosamento, os investimentos não acontecem. Às vezes, ajuda para o setor de Saúde, por exemplo, só não acontece porque o próprio setor ignora quais serão as necessidades. Esse desentrosamento manteria a região despreparada para conviver com essas operações. Assim, acompanhando os investimentos do petróleo e gás, você tanto pode ter uma política que alavanca positivamente um padrão de desenvolvimento mais sustentável, como você também pode ter um impulso para piorar os problemas que a gente já tem.